

## UMA ANÁLISE DA FORMA DE TRATAMENTO “DOUTOR” NO CONTEXTO DA CANÇÃO *DOUTOR, SIM SENHOR!*

ALINE YURI KIMINAMI (UEM)<sup>1</sup>

KATIA ROSEANE CORTEZ DOS SANTOS (UEM)<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo do presente trabalho é realizar uma análise quanto ao item lexical “doutor”, utilizado no português brasileiro como forma de tratamento, no contexto da letra da canção *Doutor, sim senhor!*, composta por Marcos Lobato. Buscamos, de forma específica, observar as raízes histórico-sociais do termo, bem como as posições-sujeitos assumidas pelos interlocutores e as relações de poder estabelecidas a partir do uso do termo “doutor” e suas condições de produção no jogo discursivo mais abrangente, refletindo sobre os efeitos de sentido produzidos por seu uso. A análise é desenvolvida sob a luz dos estudos referentes à polidez, pertencentes à área da Pragmática, e da Análise Discursiva de Linha Francesa, destacando-se as contribuições de Foucault (1995, 2006) quanto ao conceito de poder e micropoderes. A metodologia empregada no estudo é de cunho qualitativo-interpretativo, uma vez que o item é investigado em profundidade, considerando-se aspectos históricos e situacionais. Os resultados da análise apontam para a verificação de que o item lexical “doutor” funciona como uma forma de tratamento equivalente a “senhor”, o que sinaliza a existência de uma hierarquia na qual um dos interlocutores detém o poder na interação. No contexto da letra da canção, tal fato aponta para subserviência de trabalhadores cujas profissões são marginalizadas socialmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formas de tratamento. Polidez. Análise do Discurso.

**ABSTRACT:** *The aim of this study is to carry out an analysis of the lexical item “doctor”, used in Brazilian Portuguese as an honorific, in the context of the song “Doutor, Sim Senhor!” (Doctor, Yes Sir!), composed by Marcos Lobato. Specifically, we aim to observe the word’s historical and sociological roots, as well as the subject-positions assumed by the interlocutors and the power relations established in a broader discursive game, while reflecting upon the effects of meaning produced by its use. The analysis is developed based on studies of politeness, which belong to Pragmatics, and on French Discourse Analysis, emphasizing the contributions of Foucault (1995, 2006) in regards to power and micropowers. The methodology used in this study is of qualitative-interpretative nature, since the item is thoroughly investigated, taking into consideration historical and situational aspects. The analysis results show that the term “doctor” functions as an honorific equivalent to “sir”, which indicates the existence of a hierarchy in which one of the interlocutors holds the power in that interaction. In the context of the song, that denotes the subservience of workers whose occupations are deemed as socially marginalized.*

**KEYWORDS:** Honorifics. Politeness. Discourse Analysis.

### INTRODUÇÃO

As músicas compostas pela banda carioca *O Rappa* apresentam letras marcadas por críticas sociais pertinentes à realidade brasileira, como é o caso das famosas *O Rodo Cotidiano* (2004) e *Reza Vela* (2003). Suas letras dão destaque especial ao contexto do trabalhador urbano, sua condição social e sua relação com a fé, o dinheiro e a vida. Outra canção que trata

<sup>1</sup> Aline Yuri Kiminami, mestra em Estudos Linguísticos e doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá. Docente da mesma universidade. Orcid: 0000-0003-0685-179X. E-mail: [aykiminami2@uem.br](mailto:aykiminami2@uem.br).

<sup>2</sup> Katia Roseane Cortez dos Santos. Me. em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Docente da mesma universidade. Orcid: 0000-0003-0395-6633. E-mail: [krcsantos2@uem.br](mailto:krcsantos2@uem.br).

da questão dos trabalhadores mais pobres é intitulada *Doutor, Sim Senhor!*, escrita pelo compositor Marcos Lobato e lançada no álbum *Nunca Tem Fim*, de 2013. Nela, o tema dos trabalhadores invisibilizados pela/na nossa sociedade ressurgiu, com destaque ao lugar ocupado por esses sujeitos no contexto social urbano, na forma como eles são (não) vistos e (des)tratados.

O discurso, e a forma como nos utilizamos dele, repercute nas relações humanas, produzindo posições de subjetividade, uma vez que, como aponta Fischer (2002), os sujeitos sociais não são a origem do discurso, mas são efeitos dos discursos, ou seja, são significados e construídos a partir do discurso. Partindo da compreensão de que a subjetividade é produto do discurso, é relevante dizer que as relações de poder também influem na construção da subjetividade no/pelo discurso.

Desse modo, a pesquisa em questão mostra-se relevante para que um questionamento com relação à utilização da referida forma de tratamento seja levantado, propiciando uma visão linguística e socialmente englobante a respeito da carga servil da expressão, e de como seu uso movimenta os fios que tecem a subjetividade de trabalhadores invisibilizados e as relações de poder vigentes na sociedade.

## METODOLOGIA

Em consonância com a metodologia empregada nos estudos do discurso, este trabalho apresenta um caráter qualitativo-interpretativista. Investiga-se o objeto (neste caso o item “doutor” empregado como pronome de tratamento) em seu contexto natural (aqui, na canção *Doutor, sim senhor!*) com o propósito de construir sentidos e leituras possíveis a partir dos significados atribuídos pelos sujeitos a esse item, advindos de suas repetições consolidadas historicamente e da materialidade específica em que ele ocorre. Dessa maneira,

[...] a metodologia de análise não incide em uma leitura horizontal, ou seja, em extensão, tentando observar o que o texto diz do início ao fim, mas, realiza-se uma apreciação em profundidade, que é possibilitada pela descrição-interpretação em que se examina, por exemplo, posições-sujeito assumidas, imagens e lugares estabelecidos a partir de regularidades discursivas demonstradas nas materialidades. (SILVA, ARAÚJO, 2017, p. 20).

Assim, não é necessária uma análise quantitativa dos dados, mas uma análise cuidadosa dos efeitos de sentidos causados pela utilização de determinada expressão linguística em um contexto específico de uso.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Pinto (2012, p. 55), “a Pragmática analisa, de um lado, o uso concreto da linguagem, com vistas em seus usuários e usuárias, na prática linguística; e, de outro lado, estuda as condições que governam essa prática”. Assim, nota-se que a Pragmática é uma área que estuda o uso linguístico, não as formas linguísticas tomadas como partes de um sistema abstrato e constituído por regras fonológicas, morfológicas e sintáticas. Apesar de se tratar de um campo bastante diversificado, com enfoques múltiplos e objetos dos mais variados, há também outro ponto acordado entre seus estudiosos: “os fenômenos linguísticos não são puramente convencionais, mas sim compostos também por elementos criativos, inovadores, que se alteram e interagem durante o processo da linguagem” (PINTO, 2012, p. 56).

Tratando especificamente do aspecto da Pragmática em foco neste trabalho, a saber, a polidez, assume-se que ela pode colaborar para o entendimento quanto à forma como os participantes decidem o status e que língua eles utilizam para “decodificar suas pressuposições

sobre as muitas diferenças hierárquicas, bem como suas pressuposições sobre a face apresentada pelos participantes durante a interação." (SANTOS, 2003, p. 28-29). Dessa maneira, a teoria da polidez, também chamada de “estudo da face”, investiga a utilização de “estratégias verbais e não-verbais a fim de manter a interação livre de problemas” (OLIVEIRA, 2005, p. 2).

Na sociedade atual, ainda persistem relações hierárquicas que influenciam a forma com a qual cada um se refere ao outro. A polidez estaria, então, “associada à autoimagem pública das pessoas, que é permanentemente monitorada, seja pelo indivíduo que realiza as ações consideradas polidas como por parte de seu interlocutor” (OLIVEIRA, 2005, p. 3).

Tal fenômeno faz parte do estudo das formas de tratamento. Segundo Allen (2019, p. 2), “os pioneiros de uma teoria do tratamento, Roger Brown e Albert Gilman, estabeleceram em 1960 a distinção entre formas T (próprias da informalidade, da intimidade e da solidariedade) e V (próprias da formalidade, da distância e do poder)”. Diante disso, este estudo está centrado em uma das formas V, “doutor”, por se tratar de uma forma que explicita as dinâmicas de poder estabelecidas entre os sujeitos na interação.

Nas formas de tratamento, questões linguísticas e extralinguísticas entram em jogo – questões referentes ao fenômeno da polidez e à adequação da linguagem a determinado interlocutor, por exemplo. Já no que concerne aos fatores extralinguísticos, no momento da escolha de uma forma de tratamento, estão presentes diferenças sociais e aspectos da situação discursiva que influenciam tal escolha (ALLEN, 2019, p. 22).

Nesse sentido, um ponto de contato a se destacar entre alguns estudos realizados na perspectiva da Pragmática e a abordagem da Análise do Discurso de linha francesa é a noção de “classe” como central para a adequada investigação dos usos linguísticos. De acordo com Pinto (2012, p. 70),

[...] desde quando os estudos marxistas promovidos em todos os campos das chamadas ciências sociais tomaram conta da Europa, questões relativas ao papel da linguagem nas relações sociais começaram a ser levantadas com a seriedade e a sistematicidade necessárias para firmar um novo paradigma. O pano de fundo dessas questões era especialmente a luta de classes. Isso quer dizer que, de uma maneira geral, muitos autores e autoras se perguntavam o que significaria a diferença de classe social para as práticas linguísticas entre pessoas.

Em consonância com o exposto acima, Mussalim (2012, p. 114) afirma que o projeto da Análise do Discurso surge “sob o horizonte comum do marxismo e de um momento de crescimento da Linguística – que se encontra em franco desenvolvimento e ocupa o lugar de ciência piloto”. Ainda de acordo com a autora, tal abordagem apresenta um objetivo político, e a Linguística ofereceria meios adequados para que a política fosse abordada, uma vez que a ideologia, não sendo algo abstrato, mas sim material, seria materializada na linguagem.

Por fim, de acordo com Maingueneau (1997 *apud* Mussalim, 2012), a área da Linguística poderia ser dividida, superficialmente, em dois grandes núcleos: um mais “rígido”, que trata a língua “como se ela fosse apenas um conjunto de regras e propriedades formais, ou seja, não considera a língua enquanto produzida em determinadas conjunturas históricas e sociais” (p. 123); e outro mais periférico, que estabelece contato com outros campos do conhecimento, como a Sociologia, a Psicologia, a História e a Filosofia. É nessa segunda região que a Análise do Discurso está inserida, pois “se refere à linguagem apenas à medida que esta faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas” (MAINGUENEAU, 1997 *apud* MUSSALIM, 2012, p. 123).

## CARGA HISTÓRICA DO TERMO “DOUTOR”

Quanto à origem do termo “doutor” usado como título, Cardella (1986) afirma que ele provém do latim *doctores sapientiae*, outorgado primeiramente aos filósofos. No entanto, no âmbito acadêmico, foram os diplomados em direito que receberam o título:

[...] pelas suas origens, o título de Doutor é honraria legítima e originária dos Advogados ou Juristas, e não de qualquer outra profissão. Os próprios Juizes, uns duzentos anos mais tarde, protestaram (eles também recebiam o título de Doutor tanto das Faculdades Jurídicas como das de Teologia) contra os médicos que na época se apoderavam do título, reservado aos homens que reservam as ciências do espírito, à frente das quais cintila a do Direito! (CARDELLA, 1986, p. 6).

No excerto acima, é possível verificar a mesma revolta contra a generalização do título de “doutor”, como ocorreu com o título “Don” no espanhol, no seguinte excerto, análogo ao acima apresentado: “No século XIX Juan de Arona satirizava a extensão do título de Dom até mesmo à criadagem de Lima, muitos deles descendentes de escravos. Atribui tal paradoxo aos ‘males grotescos da democracia’” (BIDERMANN, 1972, p. 343).

Reichmann e Vasconcelos (2009, p. 154), ao traçarem um panorama histórico do termo “doutor”, afirmam que:

[...] de professor em sentido geral a erudito em determinada matéria, de erudito a professor universitário, de professor universitário a título de distinção social, de título de distinção a signo de pedantismo e pseudo-cultura: parece que estamos aqui Tateando passo a passo alguns trechos da trilha que nos traz até o uso do termo doutor na atualidade de nossa língua portuguesa.

Diante dessa passagem, compreende-se o motivo por que atualmente existem tantas discussões a respeito do termo “doutor” e reivindicações, por parte de acadêmicos, por exemplo, para que essa forma de tratamento seja dispensada apenas àqueles que de fato detêm o título de Doutor, por terem feito Doutorado. Esses apelos visam eliminar a noção de doutor como “signo de pedantismo”, uma tentativa muitas vezes em vão, dado que atualmente “doutor” “não designa mais o indivíduo portador de algum tipo de saber ou formação acadêmica, mas simplesmente o indivíduo ao qual se atribui autoridade, uma autoridade que não está assentada em seu conhecimento, mas em uma exigência social” (REICHMANN, VASCONCELOS, 2009, p. 156). Assim, essa forma, no Brasil, migra “da esfera da *auctoritas* intelectual para a da “otoridade’ social e do abuso de poder” (REICHMANN; VASCONCELOS, 2009, p. 156).

A partir dessas colocações, é possível entender que títulos tendem a ser usados fora do seu contexto inicialmente pretendido, estendendo-se a outras classes:

Nas palavras se quiseram os Reis levantar mais com os títulos divinos; e de mercê e senhoria, que era o seu próprio lugar, subiram a Alteza, que era só de Deus, e depois a Majestade; e ainda, se se puderam chamar Divindade e Omnipotência, me parece que o fizeram. Aos iguais tratamos de mercê, com que fomos tornando o que os reis deixaram; e ficou-se o vós e a brandura dele para os amigos [...] (COSTA *apud* BIDERMANN, 1972, 344).

Biderman (1972) argumenta que, ainda que nas arcaicas sociedades europeias conquistadoras o poder figurasse como coordenada básica nas relações sociais, no Novo Mundo, com a relação escravo-senhor, houve uma potencialização dessa relação de poder. Assim sendo, na América Latina, formas de tratamento dependentes das relações assimétricas perduraram. Em uma relação assimétrica, determinada forma de tratamento, considerada mais

respeitosa, flui em uma única direção, de baixo para cima: “As relações chamadas de ‘mais velho que’, ‘pais de’, ‘empregado de’, ‘mais rico que’, ‘mais forte que’ e ‘mais nobre que’ são todas assimétricas. [...] A relação chamada de ‘mais poderoso que’, a qual é abstraída dessas relações mais específicas, é também concebida para ser assimétrica” (BROWN; GILMAN, 1960, p. 257, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Entendendo que o sujeito é produto das relações de poder, é importante destacar a visão de Foucault (1995, p. 232) quanto ao imbricamento que se estabelece entre o poder e a subjetividade: “Pareceu-me que, enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas”. Por se debruçar sobre o sujeito, mais do que tudo, Foucault (1995) defende que seria imperativo pensar os modos de poder de forma a estender suas definições para que, assim, fosse possível estudar como se dá a objetivação do sujeito.

Então, a partir dessa constatação, na terceira fase de sua obra, Foucault (2006) trata da questão do poder como algo não unitário e global, centralizado em uma figura governamental ou estatal, mas sim como formas díspares, heterogêneas e em constante transformação. Em outras palavras, o poder se encontra diluído e presente em todas as relações humanas. Essa forma pulverizada de poder é tratada por Foucault como micropoderes, que são produtos de efeitos de verdade que reverberam na sociedade de forma não oculta, porém não necessariamente de maneira visível, por isso é relevante que tentemos evidenciar tais efeitos de verdade. Portanto, ao observar que o funcionamento das relações de poder, desses micropoderes, será responsável pelo estabelecimento de relações desiguais e assimétricas, podemos caracterizar as relações de poder como desiguais.

Quanto ao uso de pronomes de tratamento, Brown e Gilman (1960) defendem a tese de uma sociedade bipolarizada, na qual o poder foi a força dominante no passado, ao passo que, nos dias de hoje, tal força seria a solidariedade. No entanto, ainda permanecem certos resquícios de assimetria atualmente:

No Brasil, de fato, só temos dois pronomes de tratamento: 1) você (familiar); 2) o senhor (formal) que correspondem ao par {tu, vous} ou {T, V} conforme a caracterização de Brown e Gilman. Entre os títulos relativamente frequentes, temos: doutor (quase exclusivo de médicos) e professor (ambientes escolares e universitários). O português usa doutor e o sr. doutor com frequência e indiscriminadamente. Para determinada classe de pessoas é tratamento obrigatório (BIDERMAN, 1972, p. 368).

A palavra “doutor”, por ser usada “com frequência e indiscriminadamente” no Brasil, poderia ser classificada tanto como substantivo “Ele é o doutor que me operou”, como título precedente ao nome, por exemplo, “O doutor José vai te atender” ou como forma de tratamento: “Pode deixar que eu lavo, doutor”, sendo que, nesta pesquisa, voltaremos nosso olhar para a última forma de utilização.

É interessante observar que quando usado como substantivo ou título, o item lexical “doutor” pode, naturalmente, assumir sua forma feminina “doutora”, ao passo que, quando usado como forma de tratamento, não é habitual que o seja. A forma de tratamento “doutor”, portanto, é voltado majoritariamente ao público masculino, o que pode também ser um indicativo de resquícios da relação patriarcal, na qual a mulher está em uma posição social

---

<sup>3</sup> *"The relations called older than, parent of, employer of, richer than, stronger than, and nobler than are all asymmetrical. [...] The relation called 'more powerful than', which is abstracted from these more specific relations, is also conceived to be asymmetrical".*

inferior à do homem. Como afirma Biderman com relação a formas de tratamento: "O lugar social dos filhos e da mulher nessas sociedades [Latino-americanas] ainda têm ressaibos da estrutura patriarcal" (BIDERMAN, 1972, p. 372).

Tendo apontado como a forma de tratamento "doutor" foi sócio-historicamente construída no português, passamos agora para uma análise do termo aplicada à letra da canção *Doutor, Sim Senhor!*.

### **"DOUTOR" EM *DOUTOR, SIM SENHOR!***

Tomamos a canção *Doutor, sim senhor!*, de autoria de Marcos Lobato (O Rappa), como materialidade na qual vemos o termo em funcionamento em um contexto de uso da língua e o discurso que emerge a partir de sua utilização. Para que a análise seja realizada, a letra da música será apresentada integralmente abaixo e seus versos identificados numericamente para que possam ser recuperados na discussão.

- (1) Doutor, sim senhor, doutor, sim senhor
- (2) Doutor, sim senhor, doutor, sim senhor, doutor, doutor, doutor
- (3) Doutor, sim senhor, doutor, sim senhor
- (4) Doutor, sim senhor, doutor, sim senhor, doutor, doutor, doutor
- (5) Criaturas não visíveis no cenário urbano
- (6) Em situação estátua no cotidiano
- (7) O ar quente desespera quem está lá fora
- (8) O ar frio perdulário dentro, dentro
- (9) Imagem que passa de fora da vitrine
- (10) Dos que não têm lugar ou assento
- (11) Imagem que passa de fora da vitrine
- (12) Dos que não tem lugar ou assento
- (13) Ascensorista, trocador, porteiro
- (14) Porteiro de apoio, motorista, lixeiro
- (15) Personagens do mesmo desterro
- (16) Personagens do mesmo desterro
- (17) Ascensorista, trocador, porteiro,
- (18) Porteiro de apoio, motorista, lixeiro
- (19) Doutor, sim senhor, doutor, sim senhor, doutor, sim senhor,
- (20) doutor
- (21) Pra quem não sabe ler
- (22) Letreiros são somente desenhos
- (23) Pra quem não sabe ler
- (24) Letreiros são somente desenhos
- (25) A limpeza é necessária, mas é invisível
- (26) Obrigação de máquina, revisão possível
- (27) Algumas peças vão sobrando, ficando no caminho
- (28) Computador, fruta, jornal, resto de míssil, novinho
- (29) Resto de míssil novinho
- (30) Invisíveis criaturas, humildes-desumanos
- (31) Olhares silenciam, sobre o chão no plano
- (32) São pessoas que não vemos
- (33) Por quem não passamos

- (34) São pessoas amigas e de quando precisamos
  - (35) Pra quem não sabe ler
  - (36) Letreiros são somente desenhos
  - (37) Pra quem não sabe ler
  - (38) Letreiros são somente desenhos
  - (39) Doutor, sim senhor, doutor, sim senhor
  - (40) Doutor, sim senhor, doutor, sim senhor, doutor, doutor, doutor
  - (41) Doutor, sim senhor, doutor, sim senhor
  - (42) Doutor, sim senhor, doutor, sim senhor, doutor, doutor, doutor
- (LOBATO, 2013)

Inicialmente, o refrão da música (nos versos 1-4 e 39-42), que é também seu título, apresenta uma relação entre a forma de tratamento “doutor” e “senhor”. Como já mencionado anteriormente, a forma de tratamento “senhor” é usada no português brasileiro como equivalente ao V. (Vossa), tratamento formal direcionado àqueles que detêm o poder, aqueles que estão hierarquicamente acima dos outros. A frase deixa claro que o discurso do enunciador é de subordinação e aquiescência, deixando marcada a hierarquia estabelecida na relação entre os sujeitos da letra.

Considerando-se os estudos pragmáticos como um ponto de partida para a compreensão dos sentidos veiculados pela música, de acordo com Allen (2019, p. 22),

[...] em qualquer língua, uma interação comunicativa é articulada a partir de dois eixos: o eixo horizontal e o eixo vertical. O eixo horizontal representa a regulação do grau de familiaridade vs. distância, onde as relações entre os interlocutores têm um caráter simétrico. Já o eixo vertical representa as posições hierárquicas. Aqui, as relações são assimétricas, podendo existir situações de igualdade (ou reciprocidade) ou desigualdade (ou não reciprocidade). Situações de desigualdade subdividem-se em casos de superioridade ou inferioridade. A distância que separa as posições é aqui de natureza hierárquica.

Assim, nota-se que no caso de “doutor”, as relações se dão no eixo vertical, da hierarquia, em que o falante se coloca como inferior ao seu interlocutor. Tal hierarquia vem a ser justificada pela contextualização de quem seria o sujeito do discurso na música através de trechos como “Criaturas não visíveis no cenário urbano” (verso 5), “Dos que não têm lugar ou assento” (verso 10), “Personagens do mesmo desterro” (versos 15 e 16), “Invisíveis criaturas, humildes-desumanos” (verso 30) e “São pessoas que não vemos” (verso 33). Todos esses enunciados convergem para uma representação de um sujeito caracterizado pela não-visibility social, verificável pelo uso das expressões “não-visíveis”, “que não vemos”, “invisíveis”.

Além da invisibilidade, existe um caráter de inumanidade, como no caso do uso de termos como “criaturas”, “desumanos”, e também de ostracismo ou solidão, aparente nos versos 10 e 15-16, em que se aponta que não há espaço para essas pessoas, pois são vítimas do desterro, ou seja, do isolamento e degraço. O fato de não terem “assento” também pode recuperar sentidos ligados à segregação racial, como o caso da ativista americana Rosa Parks, que em 1955 recusou a ceder seu assento no ônibus para uma pessoa branca, como exigia a lei do país na época.

Outros trechos dão uma indicação de quais seriam as (sub)profissões desses sujeitos enunciados: “Ascensorista, trocador, porteiro/ Porteiro de apoio, motorista, lixeiro” (versos 13-14 e 17-18). São profissões que muitas vezes exercem ações que não têm visibilidade, apesar

de serem essenciais para o bom funcionamento das cidades: “A limpeza é necessária, mas é invisível” (verso 25), “São pessoas amigas e de quando precisamos” (verso 34). Tais versos denotam a relevância dessas ocupações, enquanto, simultaneamente, apontam para o apagamento desses sujeitos na tessitura urbana e sua conseqüente desvalorização.

Segundo Nóvoa (1987), existe um conjunto de atributos ou características que são próprios a cada profissão, referindo-se o autor, às “verdadeiras” profissões. Quando não estamos diante desses atributos, então, não estamos na presença de “verdadeiras” profissões, mas de “subprofissões”, “profissões marginais”, “quase profissões” ou “semiprofissões”. Tais subprofissões exigem menos formação, conhecimento menos especializado e um grau de autonomia inferior às ditas profissões verdadeiras. Muitos dos indivíduos que formam as classes mencionadas não possuem formação superior, ou até mesmo escolar, podendo ser analfabetos, ao que a música faz referência: “Pra quem não sabe ler / Letreiros são somente desenhos” (versos 21-24 e 35-38).

No contexto acima, as subprofissões elencadas são apresentadas como exemplos de sujeitos que são considerados hierarquicamente inferiores pela sociedade em geral e que, assim sendo, apresentam um discurso de submissão, o qual fica em evidência pela forma de tratamento utilizada na música para refletir o discurso desses sujeitos. Segundo Bourdieu (1983, p. 9), as características específicas do trabalho de produção linguística, ou seja, da produção do discurso, “dependem da relação de produção linguística na medida em que ele é a atualização das relações de força objetivas (relações de classe) entre locutores (ou os grupos de que eles fazem parte)”. Dessa forma, é possível afirmar que existe um caráter de relação de classe por trás do uso da forma de tratamento “doutor”, na qual aquele que utiliza a forma de tratamento produz o sentido de submissão e/ou inferioridade com relação àquele a quem o termo é direcionado. Nesse sentido, parece relevante abordar o que Bourdieu (1983) afirma quanto ao princípio das variações da forma:

O princípio das variações da forma (isto é, das variações do grau de ‘tensão’ do discurso) reside na estrutura da relação social entre os interlocutores, e também na capacidade do locutor em avaliar a situação e responder a um alto grau de tensão com uma expressão convenientemente eufemizada (BOURDIEU, 1983, p. 27-28).

Apesar de resultar de escolhas do sujeito, a identidade discursiva leva em conta os fatores constituintes da identidade social (cf. CHARAUDEU, 2009, p. 314). Partindo dessa premissa indicada por Bourdieu (1983), podemos entender que, quando, em uma interação social, um dos participantes se dirige ao outro utilizando a forma de tratamento “doutor”, ele está escolhendo tal termo com o propósito de se adequar ao jogo social envolvido.

Daí o jogo sutil de regulação que se instaura em todas as nossas sociedades (mesmo nas mais primitivas) entre aceitação e rejeição do outro, valorização ou desvalorização do outro, reivindicação de sua própria identidade contra a do outro. Assim, não é simples “ser eu-mesmo”, pois “ser eu-mesmo” passa pela existência e pela conquista do outro. “Eu é um outro” disse Rimbaud. Completamos: “Eu é um outro eu-mesmo semelhante e diferente” (CHARAUDEAU, 2009, p. 320).

A utilização dessa forma de tratamento indica, portanto, uma competência comunicacional (ou situacional) que, de acordo com Charaudeau (2009) corresponde, no sujeito, “à sua aptidão em reconhecer a estruturação e as restrições da situação de comunicação, na qual são determinadas, entre outras, as características da identidade social dos parceiros da troca linguageira” (p. 316). Tais características orientam as relações



estabelecidas entre os participantes: seu status, seu papel social e o lugar que ocupam na relação comunicacional.

Nesse sentido, Mariani (1999, p. 108 *apud* SILVA; ARAÚJO, 2017, p. 20) afirma que “os sentidos das palavras podem mudar conforme a situação em que são usadas e conforme o lugar social ocupado pelo sujeito que fala”. Diante disso, na observação dos sentidos construídos pelo uso de “doutor” na música, há uma expressão, por parte do sujeito, da ideia de servilidade. Aqui não nos referimos a casos como um cliente que pede uma bebida em um bar e se dirige ao garçom como “doutor”, por exemplo, mas sim, considerando o contexto da canção analisada, ao caso de trabalhadores “invisíveis” do cenário urbano.

Diante disso, na observação dos sentidos construídos pelo uso de “doutor” na música, há uma formação identitária, por parte do sujeito, de subalternidade em relação ao interlocutor, que não é nomeado. Quanto a isso, Foucault (1995, p. 235) aponta que existe uma forma de poder que se aplica à vida cotidiana e que “[...] categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos.”.

Em outras palavras, o poder e a construção do sujeito estão ligados de forma intrínseca, produzindo discursos e efeitos de verdade que atribuem identidade, como é o caso do uso da forma de tratamento “doutor”, que delineia uma subjetividade subalterna aos sujeitos trabalhadores de funções menos prestigiadas socialmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da observação do funcionamento da forma de tratamento 'doutor' na letra da música *Doutor, sim senhor!*, à luz da Teoria da Polidez e da Análise do Discurso de Linha Francesa, foi possível determinar que o item lexical em questão atua como a forma de tratamento “senhor”, indicando que o outro é hierarquicamente superior e detentor do poder na relação entre os participantes do discurso. Tal fato aponta para a subserviência, própria de trabalhadores cujas profissões são consideradas marginais, implicada na utilização do vocábulo “doutor” juntamente a “sim, senhor” na canção.

Dessa forma, é possível afirmar que a utilização de determinadas formas de tratamento em detrimento de outras produz sentidos específicos. No caso de “doutor”, as relações de poder que atravessam o termo são frutos de condições de produção marcadas histórica e socialmente, ou seja, a linguagem e, mais especificamente, as formas de tratamento possuem uma relação intrínseca com a forma como nos vemos na sociedade e nas relações de poder estabelecidas no jogo social.

Isso porque as formas de tratamento que usamos são parte do discurso, e o poder, como diz Foucault (2006) “[...] é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder” (p. 252). Assim, micropoderes são produtos de uma prática social, da relação entre sujeitos – chefe e empregado, porteiro e morador. São produtos de efeitos de verdade constituídos historicamente que influem na forma como são subjetivados e constroem sua imagem na sociedade.

Nossa reflexão final é que, em face à conclusão apontada, devemos ter um olhar crítico com relação aos termos que circulam no discurso, observando que, muitas vezes, explicitar como uma forma de tratamento impacta a formação de subjetividades pode representar um antagonismo às estratégias de poder vigentes.

## REFERÊNCIAS

- ALLEN, Ana Sofia Ferreira. **O sistema de formas de tratamento em português europeu**: contributos para a compreensão da sua reestruturação a partir de textos escritos do século XX. Orientadora: Esperança Cardeira. 2019. 157f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Formas de tratamento e estruturas sociais. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 18, 1972.
- BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Linguísticas. In: **Bourdieu - Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. ORTIZ, Renato (org.), vol. 39. p.156-183. São Paulo: Ática. 1983.
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: TA, Sebeok (ed.) **Style in Language**, MIT Press, p. 253- 273. 1960.
- CARDELLA, Júlio. Advogado - doutor por direito e tradição. **Tribuna do Advogado** de Outubro de 1986, pág. 5. Disponível em: <https://ricardofatore.jusbrasil.com.br/artigos/239123308/advogado-doutor-por-direito-e-tradicao>. Acesso em: 30 jun 2022.
- CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326. 2009.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia**: modos de educar na (e pela) TV. Educação e pesquisa n. 28, v. 1, pp.151-162. 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV**. Michel Foucault. Estratégia, poder-saber. Reorganização Manoel Barros da Motta, tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro – 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2006.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o Poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 231-249. 1995.
- MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínio e fronteiras. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 113-165..
- REICHMANN, Tinka; VASCONCELOS, Beatriz Avila. “Seu Dotô” / Herr Doktor: aspectos históricos e linguísticos do tratamento de Doutor e as conseqüências para a tradução. **Pandaemonium germanicum**, v. 13, 2009, 146-170.
- PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínio e fronteiras. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 55-79.
- SILVA; Jonathan Chasko da; ARAÚJO, Alcemar Dionet de. A metodologia de pesquisa em Análise do Discurso. **Grau zero – Revista de Crítica Cultural**, v. 5, n. 1, 2017, p. 17-31.